

Ibu ori inu: intuição ancestral nos festejos da Boa Morte¹

Lucas Brasil Vaz Amorim²

RESUMO

Este presente relato de experiência tem como objetivo a descrição de minhas vivências subjetivas como pessoa afro-baiana, artista e pesquisador interdisciplinar de povos afro-diaspóricos em meio a poesia da cidade de Cachoeira, tendo como fio condutor as celebrações da semana dos festejos da Boa Morte. A metodologia empregada para a escrita do texto foi baseada na noção de *intuição ancestral*, definida por mim como método e conceito que se propõe a não dualizar a produção de conhecimento entre sujeito e objeto, propondo uma imersão d@ pesquisador@ em seu processo a partir da primeira pessoa. Desta forma, este método se assenta em referenciais epistêmicos decoloniais já existentes, que se fundamentam na subversão do mito da neutralidade nas narrativas construídas no ambiente acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de viagem; Festa da Boa Morte; Intuição Ancestral; Decolonialidade.

¹ Trabalho desenvolvido no projeto Ilê Inã, promovido pela bolsa de permanência e iniciação científica do Programa Sankofa 2018 (PROAE - UFBA), sob orientação da Dr^a Paola Barreto Leblanc, docente do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia.

² Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Artes pela Universidade Federal da Bahia - UFBA e graduando em Psicologia pela Faculdade Social da Bahia – FSBA. E-mail: brasilislucas@gmail.com

INTRODUÇÃO

As trajetórias dos nossos *Odú* vão se delineando das maneiras mais surpreendentes possíveis, podendo traçar algumas experiências de levar o nosso *Ará*, corpo-casa, pelas estradas da forma mais plena ou caótica, tendo aqui o termo *caos* menos como sinônimo de erro e mais como acertos *exunicos*. Como numa virada de ampulheta, tudo pode mudar, sendo mais forte uma mudança nos nossos *Oju*, transformados pelos detalhes das várias encruzilhadas que *Exú* roda no centro - com ou sem cachaça.

O destino foi Cachoeira - Bahia, em agosto de 2018, festa da Irmandade da Boa Morte. Um cenário aos olhos de artista-pesquisador, afro-baiano ou de um filho das *lyágbá*³ em busca de sua ancestralidade? Trazendo algumas destas questões dentro de um balaio de palha, inspirado nos fundamentos do mês de Agosto, este presente relato de experiência tem como objetivo a descrição de minhas vivências subjetivas como pessoa afro-baiana, artista e pesquisador interdisciplinar de povos afro-diaspóricos em meio a poesia da cidade de Cachoeira, tendo como fio condutor as celebrações da semana dos festejos da Boa Morte.

A metodologia empregada para a escrita do texto foi baseada na noção de *intuição ancestral*, definida por mim como método e conceito que se propõe a não dualizar a produção de conhecimento entre sujeito e objeto, propondo uma imersão d@ pesquisador@ em seu processo a partir da primeira pessoa. Assim, este método se assenta em referenciais epistêmicos decoloniais já existentes, que se fundamentam na subversão do mito da neutralidade nas narrativas construídas no ambiente acadêmico.

Deste ponto de vista, a retomada do corpo como elemento presente no aprendizado é fundamental em qualquer processo que envolva produção de conhecimento, pois este último vai além de um suporte físico e se inscreve como o próprio agente ativo da produção, apreensão e experimentação do saber. Esta noção de corpo se encontra assente na “*Pedagogia das encruzilhadas*” de Luiz Rufino (2016), balaio tático que funda o seu projeto político-pedagógico decolonial.

Logo, esta sensibilidade analítica ou método a qual chamo de intuição ancestral, utilizado para perceber/descrever as vivências, se ampara através das noções de *Odú*, *Orí*, *Oju*, *Esé* e *Ará*⁴, que para além de palavras da língua iorubá são conceitos que formam a cosmovisão do povo homônimo, atribuídos a significações complexas sobre a nossa experiência de percepção do mundo a partir do corpo e do processo de individuação singular.

TODA CHEGADA É UMA PARTIDA

À primeira vista, começando pela reflexão de que toda chegada é uma partida, fui de mala na mão e balaio na cabeça ao encontro do município de

³ Deidades da cosmovisão iorubá atribuídas ao princípio feminino.

⁴ As traduções dos termos são, respectivamente: caminho individual, cabeça, olhos, pés e corpo.

Cachoeira do Rio Paraguaçu, cidade histórica da Bahia que guarda em suas nuances poéticas a força da ancestralidade afro-brasileira e ameríndia, seja no seu cotidiano ou nas manifestações religiosas e culturais que lá acontecem. Este local é consagrado como um reino onde habitam os mistérios de negras senhoras que guardam segredos seculares e mostram sua potência pelas ruas da cidade, especificamente nas procissões de Nossa Senhora da Boa Morte.

Sentia no começo desta jornada que, mesmo que já tenha ido algumas vezes ao encontro de Cachoeira, algo ainda mais inquietante dentro de mim, tal qual uma inquietação de ânsia por respostas, me tomava o corpo sempre que idealizava o princípio, meio e fim daquela estadia de uma semana. Acontece que idealizar é projetar, e como a ilusão do cinema feito pelos corpos se expande através de nossos *Oju*, não hesitei em projetar em todos os lugares as imagens do que podemos chamar de inconsciente, e do que optei a chamar de *intuição ancestral*.

Anteriormente, impulsionado pelas inquietações do meu *Ori*, entrei no ônibus com destino aquele lugar onde tudo, no meu modo de sentir, se encaixa na dualidade delicado-forte. Os caminhos do recôncavo foram desenhados em uma geometria de memórias, como se cada metro daquela estrada fosse uma linha de um roteiro precioso. Passar pela cidade de Santo Amaro é lembrar da minha mãe falando com gosto da polenta de sua avó, sentir o cheiro da comida tão elogiada por ela ou ver na criança que brinca sobre os trilhos do trem a figura de meu avô, filho daquele lugar.

Como costumo pensar, toda esta experiência se revela como cinema transcendental, ilusão e projeção, refletindo a emergente imagem de Cachoeira em tela cheia e panorâmica, na neblina dos morros tão verdes quanto a cor do vodún-serpente *Gbèsén*. Sobre a magia do panteão das cobras, dizem os mais velhos que quem vem pela neblina é *Orisá Yewá*, e sendo Cachoeira a terra dos negros Fons do Daomé, onde as tradições *Jeje* se fazem força presente, eu só tendo a acreditar. Não obstante, não é à toa que a neblina a cubra, pois, uma mãe serpente nunca desampara seus filhos.

Assim, chegar foi o baque da mala pesada no chão, os olhos atentos na árvore que antes estava seca e, naquele momento, mais verde do que nunca, sorrir pro rio e sentir uma vertigem que tende o corpo de um lado pro outro, do tipo que só quem é *cavalo de orixá*⁵ entende. A terra que os meus *Esé* acabavam de pisar já foi solo de conflitos de resistência dos quais pouco se conta, além do número de corpos ensanguentados dos meus.

As sábias mulheres negras da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte souberam resistir até os dias atuais, exercendo estratégias coletivas que demonstram a destreza de como agiram para libertar as suas irmãs de cor e de etnia, em fatos que já são contados em produções historiográficas, etnográficas e antropológicas (SILVEIRA, 2006); (CIDREIRA, 2015).

Logo, a cidade de Cachoeira se revelava para mim como o reino das

⁵ Expressão popular de como se denominam as pessoas que entram em transe mediúnico nos cultos afro-brasileiros.

Iyagbá, das *Iyá Mi*, as mães sagradas e ancestrais, responsáveis pela vida e pela morte, por tudo o que há de fértil na *iwá*, a própria existência na terra. Esta força do princípio feminino não se traduz através de estereótipos ocidentalizados do que seja o papel das mulheres na sociedade, representando a mãe cuidadora, submissa e benevolente, mas se anuncia como as bravas guerreiras daomeanas *Ahosí* ou as mulheres lorubás da sociedade *Geledés*, líderes do comércio e dos cargos religiosos restritos somente a elas nos impérios. Dessa forma, preparei os meus *Oju* para contemplar uma das manifestações de resistência dessas poderosas mulheres.

Nesta segunda-feira em que cheguei à cidade, celebrava-se na capela de Nossa Senhora da Boa Morte uma missa para as irmãs já falecidas. Um dia de vestir branco, todos em luto e respeito. Contudo, não estive de corpo presente, pois mesmo com o motor das inquietações e ansiedade ao chegar, me atrasei. Repensei no ocorrido e cheguei à reflexão de que não há atrasos, pois aprendi com as minhas mais velhas que “o nosso tempo é um, e o deles é outro”. O Tempo nas nossas comunidades é representado por uma firme árvore chamada gameleira, onde é consagrado o *Orixá Iroko*, nos distanciando do relógio e nos aproximando de um entendimento orgânico dos nossos fluxos de vida, incapazes de serem marcados somente por ponteiros.

Talvez, algo deveria ser maturado para um primeiro encontro com um acontecimento tão forte quanto aquelas festividades. Ao caminhar admirando o rio, como um flash de luz vi de longe ao meu lado esquerdo, na ladeira do Largo D’Ajuda, às respeitadas irmãs da Boa Morte em um branco unicolor na cena. Por fim, agradei por ser recebido pelas poderosas *Gèledés*. *Aláfia!*

VIVENDO OS DIAS TENDO UMA BOA MORTE

Já era outro dia, e o sol de agosto esquentava o recôncavo baiano. Reparei no nível de água do rio, mais seco que o normal, revelando que ao gosto do mês, *Obaluaiyê*, o deus da terra e do sol, pairava sobre a cidade. O calor dos corpos transeuntes também compunha o ar, seja pela quantidade de pessoas vestindo vistosas roupas brancas e contas sagradas no pescoço, ou pelo grande número de forasteiros com câmeras enormes na mão para não perder um detalhe da passagem das irmãs pelos cortejos, mostrando a crescente midiaticização da festa.

Dessa forma, fui deslizando que nem serpente pelas veias da cidade, percebendo que este ato era como passar pelas vias internas do meu próprio corpo. O impacto de me enxergar através desse olhar para Cachoeira me permitiu descobrir o sentido da palavra alteridade na prática. Essa intuição se revelou como o método que encontrei para estabelecer uma conexão real com o lugar e com tudo o que há de mais ancestral naquele território singular. Aos poucos fui compreendendo que as errâncias por aquelas ruas eram uma espécie de viagem ao que chamo de *ibu ori inu*, as profundezas de minha subjetividade, estando cada vez mais submerso no meu próprio interior através da energia dos meus anteriores. As veias de Cachoeira se confundiam com as minhas e, nas

poças deixadas pela chuva de mais cedo eu conseguia enxergar o meu rosto, como em um espelho. Acredito que tem muito menos a ver com a vaidade de Narciso em sua margem, e mais com o feitiço do abebé de *Oxum*, que me mostrou que se enxergar é, também, uma questão de alteridade.

Posteriormente, a noite de terça-feira chegou para embalar o cortejo que levou Nossa Senhora da Boa Morte em seu caixão enfeitado em tecido branco e flores, somente carregado por pessoas selecionadas. Dessa forma, segui pensando sobre o acontecimento que iria chegar e o quanto seria forte presenciar o velório de uma Santa católica em meio aos preceitos resistentes do Candomblé.

Diante dos meus *Oju*, de maneira muito desvendada, o cortejo de senhoras trajando preto e branco passou pela famosa Praça 25 de junho ao som da fanfarra que embalava o funeral mais animado que já presenciei. A significação da morte se revelava simplesmente como uma passagem do tempo necessária para a toda a ritualística, não afastando a adorada Santa de suas fiéis, muito menos trazendo um luto melancólico. A Morte, em suma, é Boa.



Figura 1: procissão do velório de Nossa Senhora da Boa Morte, por Thainá Dayube (2018).

Fui acompanhado - não por acaso - por duas filhas da orixá *Yansan*, que traz em si o domínio dos espíritos dos ancestrais desmaterializados em corpo, mas igualmente presentes no espaço-tempo, embora invisíveis aos olhos. Ao passar pela *Casa Estrela*, um pequeno sobrado no centro da cidade onde há uma estrela gravada em sua calçada, as integrantes da irmandade saúdam o

local, pois ele foi um importante ponto de encontro das mulheres do culto. Abaixo a estrela, há quem diga que os fundamentos do orixá *Exú* estão plantados ali, protegendo a porta e codificando o que antes foi um ponto de encontro da importante sociedade secreta de mulheres africanas.

A presença dessas ancestrais se percebeu de maneira contundente nos festejos das irmãs da Boa Morte, representando a força que permanece até os tempos atuais. Dotadas de referências afro-diaspóricas seculares, as irmãs circularam as ruas da cidade convidando os visíveis e os invisíveis a desfrutarem o embalo do funeral de Nossa Senhora. Após a procissão, se concentraram na Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, onde pude encontrar os olhos d'água de Conceição Evaristo⁶ mirando o desfecho daquela noite de festejos em Cachoeira.



Figura 2: assunção de Nossa Senhora da Boa Morte, por Thainá Dayube (2018).

Já no raiar de outro dia, precisamente o mais populoso da festa, acordei com o som dos fogos que abrem a alvorada da quarta-feira de assunção da Santa. Nesse dia, a festa ganhou a vivacidade do vermelho, cor que representa a vida, o princípio da fecundidade na cosmovisão iorubá, *ejé osún*. Fazendo jus ao dia de quarta-feira que é dedicado às deidades da vida e do fogo, Nossa Senhora da Boa Morte surge em seu andor, subindo aos céus guiada pela sua irmandade e seus devotos.

O notável atravessamento das afro-brasilidades foi se escancarando cada

⁶ Maria da Conceição Evaristo de Brito, premiada escritora de literatura afro-brasileira e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Escreveu contos e romances como “Olhos d’água” (2014) e “Ponciá Vicêncio” (2017).

vez mais, mesmo nas práticas delineadas por tradições católicas, como a última procissão da festa. O negro dos corpos, o branco das vestimentas e o colorido das contas predominavam novamente. O que estava por trás da santa branca transcendendo para o *Orún* dos jeje-nagô em mais uma procissão pelas ruas da cidade?

Não se pode responder a essa pergunta sem estar de corpo presente no terceiro dia das festividades, quando o som dos grupos de Afoxé e do samba de roda foi denegrindo - no sentido não torpe, mas correto da palavra - a cidade do Largo D'Ajuda até ladeiras abaixo. Se a santa subiu aos céus, foi porque se fez necessário tocar pra subir pelas violas e atabaques, através da valsa negra que trouxe ao centro da roda as irmãs, gastando a sola dos seus chagrins e rodando as saias de crioula. Ali se encerrou o ciclo mais sacro dos festejos, os quais foram seguidos de mais dois dias de festa, com samba de roda e comida distribuída para a população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da dança dos detalhes poéticos que os festejos da Irmandade da Boa Morte revelaram aos meus *Oju*, as mais variadas reflexões fluíam em meu *Ori*. Levar o meu *Ará* até a cidade de Cachoeira foi imprescindível para a compreensão de um método intuitivo ancestral. Aqui, não optei por uma narrativa que se propõe ao binômio neutralidade-objeto, ao dualismo corpo-mente, mas por uma visão monista de corpo como unidade de memória, casa que resguarda uma subjetividade, capaz de produzir possibilidades de abrir caminhos para um contato sensível com a experiência.

Algumas dessas portas dos sentidos são os próprios *Oju*, que projetam e ao mesmo tempo capturam. Destarte, na encruzilhada interacional entre o artefato cinematográfico e o mecanismo psicológico, penso a noção de projeção como tecnologia do próprio corpo, tendo os *Oju* como um dos dispositivos que despertam o método da *intuição ancestral*. Não se trata de uma primazia do visual, mas de um dos portais que permite a conexão do corpo com o espaço, assim fornecendo uma compreensão através de mapas simbólicos captados visualmente.

Além dos *Oju*, os *Esé* também se situam como dispositivo que desempenham um papel nessa metodologia. É necessário o contato com o solo, a terra, de onde vem o *axé* (energia vital), como nos escurece a cosmovisão de mundo iorubá. Além do que, para se locomover pelos caminhos, como meios que levam à produção do conhecimento, os *Esé* são fundamentais. Por conseguinte, a noção de *Odú* dá conta de significar os mais variados meios e as infinitas encruzilhadas que se delineiam no processo de construção do conhecimento.

Nesta perspectiva descolonizadora do pensamento, se lançar em uma viagem orientada pela observação e posterior produção de uma narrativa, só se fez possível através dessa metodologia. O cenário da Festa da Boa Morte em Cachoeira é predominado por práticas culturais e epistêmicas afro-diaspóricas.

Um método, modelo e episteme pautados na perspectiva do colonizador não daria conta de uma aproximação legítima com o real investimento de vivenciar o supracitado acontecimento.

A resistência das mulheres negras do recôncavo baiano está intimamente imbricada na dimensão simbólica das suas vestes, que sobreviveram do período colonial até os dias atuais. O traje de crioula das negras do *partido-alto* é utilizado pelas irmãs da Boa Morte e demais sacerdotisas, tendo o *alaká* ou *pano da costa* repousado sobre o ombro esquerdo como insígnia do poder da realeza feminina *jeje-nagô*, assim como a sofisticação dos tecidos bordados em *rechilieu* e *caça*. As vestes dessas mulheres no período oitocentista era uma forma de exaltação e reafirmação de sua dignidade, um ato político de autocuidado entre mulheres negras nos tempos “modernicidas” do escravismo.

Contudo, é nas práticas sociorreligiosas das irmãs da Boa Morte que Cachoeira se apresenta como um dos territórios em que a potência matrilinear das sociedades tradicionais africanas se revela em forma de resistências seculares, do período colonial à contemporaneidade. A oferta dos banquetes servidos nos dois últimos dia da semana consagrada à festa da Irmandade, como o cozido e *caruru* oferecido para a comunidade, é uma das várias práticas que re-existem através do tempo. Zelar, acolher, guiar as práticas cotidianas comunitárias em torno do bem coletivo, advém do modo de vida das tradições sociais *nagôs* nas comunidades denominadas *Egbés*, seja no espaço-terreiro, na vizinhança ou até mesmo para a população da cidade, como o exemplo de Cachoeira e seus festejos africano-brasileiros que tomaram outras dimensões na atualidade.

Por fim, a potência das *Iyagbá* inunda este pedaço de terra formado por tantas outras, tantas Áfricas, como Benin, Ketu, Oyó, Egba, Osogbo... Enquanto as garças do rio Paraguaçu transitarem por cima das águas, haverá o feminino da Boa Morte para fluir e curar vidas negras na Bahia.



Figura 3: mulheres da Irmandade da Boa Morte, por Thainá Dayube (2018).



Figura 4: samba de roda no Largo D'Ajuda, em Cachoeira, por Thainá Dayube (2018).

REFERÊNCIAS

AMORIM, Lucas Brasil Vaz. *Ilê Inã: entre a luz da vela e a luz do projetor*. Pesquisa em andamento, Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos/ Universidade Federal da Bahia,, 2017-2018.

CIDREIRA, Renata Pitombo et al (Org.). *As vestes da Boa Morte*. Cruz das Almas: Editora Ufrb, 2015. 120 p

DAYUBE, Thainá. *Cachoeiranos e turistas celebram a secular Festa da Boa Morte*. Correios. Salvador, 15 ago. 2018. Disponível em:
<<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cachoeiranos-e-turistas-celebram-a-secular-festa-da-boa-morte-veja-fotos/>>. Acesso em: 03 out. 2018.

SILVEIRA, Renato da. Capítulo 10 - As sociedades secretas Ogboni, Gueledé, os cultos de Babá Egum e da Senhora da Boa Morte na Afro-Bahia. In: *O candomblé da Barroquinha: Processo de constituição do primeiro terreiro baiano de ketu*. Edições Maianga: Salvador, 2006

RUFINO, Luiz. Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas. Seminário dos Alunos PPGAS-MN/UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.